

IDENTIDADE LUTERANA¹

TESES PARA UMA DISCUSSÃO

Mário Francisco Tessmann

1. Observações preliminares:

O tema proposto para este conjunto de estudos, intitulado Perfil Lutero em Debate, é de expressiva relevância, e simultaneamente complexo. Já faz algum tempo que as discussões em torno do perfil, da identidade ou da confessionalidade luterana se encontram na agenda da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Aliás, este assunto esteve normalmente na pauta do luteranismo no Brasil ao longo de sua história, na medida em que estava em jogo a sua auto-preservação institucional. Tanto nos períodos de transição do passado, quando da formação da Federação Sinodal em 1949 e da criação da IECLB em 1968, bem como mais recentemente, quando da elaboração da nova constituição em 1997, o debate em torno da identidade luterana veio à tona com maior vitalidade. Por um lado, pode parecer óbvio que em tais circunstâncias a discussão acerca dos traços luteranos elementares sejam colocados no horizonte. Entretanto, por outro lado, esse assunto já deveria ter sido suficientemente resolvido para uma igreja que está a quase 180 anos no Brasil. Ou não?! Será que não estamos, na verdade, antes perante um dilema psicológico do que teológico, ao insistirmos continuamente nesta conversa em torno de identidade? Seria bom ouvirmos, em alguma ocasião, o que os psicólogos e psiquiatras têm a nos dizer acerca desta busca interminável em torno de nossa identidade luterana.

Além destas observações, entendo que seja importante destacar ainda que a fala acerca da identidade pode trazer consigo o germe da homogeneidade. Por estarmos lidando, neste assunto, tanto com a identidade de um sujeito social, no caso aqui a igreja, bem como com a de sujeitos individuais – os cristãos luteranos - não podemos esquecer o que a história nos ensina, em especial, acerca da busca de identidade por parte de sujeitos sociais. De uma maneira geral, quando instituições, povos e nações saíram à procura de sua identidade, o produto final deste processo foi a eliminação das diferenças, a exclusão da liberdade.

¹ - Versão levemente modificada da palestra inaugural, proferida em 09.02.2003 na FATEV, Curitiba.

Neste ponto, o século XX foi pródigo. Tanto no conflito ideológico existente no período da Guerra Fria, que durou mais de 40 anos, quanto na emergência dos fundamentalismos religiosos de qualquer vertente, surgidos na última década do século que se foi, havia um adversário comum a ser banido: o diferente com sua liberdade².

Estas constatações, por sua vez, de maneira alguma invalidam a necessidade do debate sobre identidade luterana. Pelo contrário, elas querem mostrar que a discussão sobre este tema – tanto do cristão como da igreja luterana - não pode ficar apenas no âmbito do direito eclesial ou da cultura, por mais importante que sejam as contribuições destas áreas de saber. Torna-se imperioso falar sobre identidade a partir de um outro referencial, qual seja, o da teologia, e em nosso caso, o da teologia luterana. Sendo a teologia o discurso elaborado acerca da fé na Palavra de Deus, proponho duas teses básicas para a nossa reflexão:

- *A identidade luterana, como identidade individual, manifesta-se na expressão de fé, que se origina no encontro da Palavra de Deus com o ser humano;*
- *A identidade luterana, como identidade eclesial, expressa-se nas marcas que dão visibilidade comunitária à fé de homens e mulheres, que crêem em Jesus Cristo como manifestação corpórea da Palavra de Deus.*

2. Primeira Tese

A identidade luterana, como identidade individual, manifesta-se na expressão de fé, que se origina no encontro da Palavra de Deus com o ser humano.

O pensamento reformatório, seja ele luterano, calvinista ou de outra matriz, tem na fé o seu ponto de partida para a correta percepção das verdades fundamentais do Evangelho. Além disso, é sabido que para Lutero bem como para os demais reformadores, a adequada relação do ser humano com Deus ocorre também por intermédio da fé. Por isso, a insistência quase que nauseante da parte de Lutero ao longo de sua vida em destacar o lugar preferencial da fé tanto na compreensão do Evangelho como no exercício da vida cristã.

² - Em sua palestra sobre identidade luterana, Robert Leicht– membro da equipe de redação do jornal semanal Die Zeit – chamou atenção para esta questão. Mais sobre isto em: Leicht, R., **Über lutherische Identität**, Vortrag vor dem Sprenelkonvent Schleswig, Husum, 27.Mai 1998.

O que é, no entanto, fé para Lutero? Para poder responder esta indagação de maneira adequada, é bom lembrarmos o que o próprio reformador escreve acerca deste assunto. No prefácio à epístola de Paulo aos Romanos, Lutero afirma que *„fé (...) é uma obra divina em nós, que nos modifica e faz renascer de Deus (Jo 1.13), mata o velho Adão, transformando-nos em pessoas bem diferentes de coração, sentimento, mentalidade e todas as forças, trazendo consigo o Espírito Santo³.“*

Junto a esta dimensão divina da fé, como obra de Deus em nós, Lutero acentua também o lado antropológico da mesma. Nesta perspectiva, a fé é *„uma confiança muito viva, inabalável na graça de Deus, tão certa de si que ela não se importaria de morrer mil vezes. E semelhante confiança e reconhecimento da graça divina tornam alegre, persistente e agradável perante Deus e todas as criaturas, o que é ocasionado pelo Espírito da fé⁴.“*

Em função desta dupla natureza da fé – divina e humana – é que Lutero pode afirmar que a *„fé não é uma ilusão e sonho humano que muitos acham que é⁵“*. Como realização de Deus no ser humano, a fé está salvaguardada da condição de ser mera projeção antropológica, como o queria Feuerbach. Por outro lado, ela só se torna fé, no sentido concreto, quando o ser humano confia de forma muito *„viva, inabalável na graça de Deus⁶“*.

De que maneira, contudo, esta fé emerge na vida do ser humano? Para Lutero, um intérprete de Paulo, a resposta não poderia ser outra do que *„a fé vem pelo ouvir“* (Rm 10.17) da Palavra de Deus, que se manifestou de maneira corpórea em Jesus Cristo. Não é por acaso que a Confissão de Augsburgo⁷ ressaltou no seu Artigo 5 a importância da pregação da Palavra, aderindo desta forma ao pensamento de Lutero.

Neste momento, cabem ainda algumas breves observações sobre a forma como a Palavra de Deus encontra o ser humano. Conforme Lutero, a Palavra nos encontra na forma de Lei e de Evangelho. A Lei é a dimensão da Palavra que, como diz o reformador, *„reivindica o fundo do coração, e não se dá por satisfeita com obras⁸“*. Neste sentido, a tarefa fundamental da Lei é por a descoberto a existência contraditória do ser humano. Dito de maneira mais clássica: seu objetivo é desvendar

³ - WA DB 7.11: *Vorrede auff die Epistel S. Pauli an die Römer*, 1546.

⁴ - WA DB 7.11: *Vorrede auff die Epistel S. Pauli an die Römer*, 1546.

⁵ - WA DB 7.9: *Vorrede auff die Epistel S. Pauli an die Römer*, 1546.

⁶ - WA DB 7.11: *Vorrede auff die Epistel S. Pauli an die Römer*, 1546.

⁷ - As citações da Confissão de Augsburgo seguem a edição da Ed. Sinodal, 1999.

⁸ - WA DB 7.5: *Vorrede auff die Epistel S. Pauli an die Römer*, 1546.

o pecado no coração humano. Já o Evangelho é a „*benevolência ou o favor de Deus que ele tem em si mesmo em relação a nós, o que o leva a derramar em nós a Cristo e o Espírito com suas dádivas*⁹“. Logo, a atribuição do Evangelho é agraciar o ser humano com a presença de Cristo, que perdoa, consola e renova.

É importante ressaltar neste contexto que estas duas dimensões da Palavra de Deus, antes de serem construção teológica, pertencem conforme Lutero, à experiência cotidiana dos cristãos. Por isso, para o reformador, é mais valioso termos a Lei e o Evangelho no coração, do que os termos simplesmente na cabeça.

Pouco falamos até aqui do ser humano na perspectiva teológica. Também não nos cabe fazer neste momento um apanhado da maneira como as ciências humanas hoje o estão delineando. Isto seria uma atribuição que poderia ser desenvolvida num outro estudo¹⁰. No entanto, quando falamos de identidade luterana, não podemos deixar de mencionar, ainda que rapidamente, alguns traços básicos da visão antropológica pertinente à concepção reformatória.

Em diversos escritos durante a Reforma, Lutero tratou do tema antropologia. Neles procurou superar a velha dicotomia grega de corpo e alma (ou corpo, alma e espírito), que fragmentava o ser humano em parte estanques, e quase que incomunicáveis entre si. Para o reformador, corpo e alma são dimensões de um único e mesmo ser: o ser humano. Elas não podem ser hierarquizadas, no sentido de que a alma seja mais nobre do que o corpo, ou vice-versa. Já em 1519, em seu comentário sobre a carta aos Galátas, Lutero entende „*o espírito e a carne, (...), como sendo o ser humano todo*¹¹“.

Além de resgatar a integralidade do ser humano, Lutero acentua também que a percepção bíblica sobre este assunto coloca o mesmo sobre um duplo enfoque: *1. Como criado à imagem e semelhança de Deus; 2. Como um ser pecador.*

Ao resgatar a condição do ser humano como imagem e semelhança de Deus, Lutero procura reorientar a antropologia, lembrando que ela não pode simplesmente partir de Gn 3. Antes do homem pecador, está o ser humano criado por Deus, e colocado no mundo dentro de uma condição singular. Lutero lembra aqui que o ser humano, entre outras

⁹ - WA DB 7.9: *Vorrede auff die Epistel S. Pauli an die Römer*, 1546.

¹⁰ - Um belo trabalho sobre este assunto pode ser encontrado no livro mais recente de G. Brakemeier, intitulado **O ser humano em busca de identidade**, Sinodal : São Leopoldo: São Paulo : Paulus, 2002, 220p.

¹¹ - WA 2.585: *In epistolam Pauli ad Galatas M. Lutheri commentarius*, 1519. Devo este citado a G. Brakemeier.

capacidades, foi dotado de razão, para poder organizar e administrar o mundo adequadamente. Por isso, no contexto da realidade penúltima, como diz Bonhoeffer, não é correto descrever o ser humano como uma noite de pecado, e sua razão como uma grande prostituta. Neste ponto, Lutero pode afirmar que *„a razão, de todas as coisas, é a mais elevada, e perante todas as coisas desta vida, a melhor e igualmente divina. Ela é a descobridora e a condutora de todas as ciências, da medicina, do direito, e do restante que nesta vida estiver tomado pela sabedoria, capacidade, força e glória¹².“*

Se é verdade que a antropologia não pode começar em Gn 3, como procurou demonstrar Lutero, também é verdade que ela não pode esquecer ou ignorar Gn 3, caso ela queira ser considerada cristã. Por isso, Lutero procurou em sua elaboração antropológica considerar tanto a criação como a queda. Para o reformador está claro, em função do testemunho bíblico, que o ser humano tem uma certa percepção natural do pecado, conforme ensina Rm 2. Contudo, o mesmo só pode alcançar o conhecimento real e profundo do pecado em sua existência, quando a Palavra de Deus, na forma de Lei, vem a seu encontro. Não existe para Lutero nenhuma outra maneira do ser humano conhecer a sua verdadeira condição, por maior que possa ser o seu esforço. Neste sentido, Lutero afirma que *„o coração do ser humano é tão profundo, que ele não pode ser sondado por nós mesmos¹³.“* Entretanto, sob o enfoque da Palavra de Deus, testemunhada na Bíblia, o ser humano começa realmente a discernir a sua condição de pecador, que não é caracterizada apenas por algumas falhas ocasionais, mas sim por sua totalidade (totus peccator).

Feitas estas ponderações, é importante voltar à tese inicialmente proposta. Dissemos que a identidade luterana apresenta-se, de maneira individual, na expressão de fé, que surge do encontro da Palavra de Deus com o ser humano. Como vimos, no entanto, tanto a fé, como a Palavra de Deus e o ser humano não são concepções abertas, onde tudo o que se imagina possa ser colocado dentro. Elas carregam consigo uma bagagem teológica, que delineam a identidade luterana. Por mais que tenha destacado a participação existencial do cristão, Lutero procurou simultaneamente contrabalançar esta participação com o conteúdo da mesma. A Ortodoxia Luterana do século XVII caracterizou esta situação, distinguindo entre a fé com a qual se crê (fides qua), e a fé na qual se crê (fides quae).

¹² - WA 39I.175: **Disputation De Homine**, 1536.

¹³ - WA 39II.232: **Promotionsdisputation von Johann Marbach**, 1543.

Neste ponto, pode-se afirmar que a identidade luterana emerge progressivamente no indivíduo na medida em que o mesmo vai participando da caminhada cristã, que por sua vez é interpretada pela percepção presente na Palavra de Deus. Neste momento, alguém pode objetar dizendo que a identidade luterana, em seu cerne, nada mais é do que a própria identidade cristã. Correto, pois este foi o propósito maior de Lutero, e dos demais reformadores, qual seja, o de resgatar a identidade cristã, deformada em sua época. E esta é a tarefa permanente da Igreja Luterana, que necessita estar presente na sua pregação e ação.

3. Segunda Tese

A identidade luterana, como identidade eclesial, expressa-se nas marcas que dão visibilidade comunitária à fé de homens e mulheres, que crêem em Jesus Cristo como manifestação corpórea da Palavra de Deus.

Até aqui falamos da identidade luterana na sua manifestação individual. É importante olharmos agora um pouco mais de perto para para a dimensão comunitária da identidade luterana, que acontece na realidade eclesial.

É fato que Lutero não desejava originalmente separar-se da igreja romana, mesmo que isto hoje possa nos parecer um tanto estranho. Somente no desenrolar da Reforma é que Lutero foi percebendo que as suas posições tornavam-se gradativamente cada vez mais incompatíveis com o pensamento da hierarquia. Ao relativizar a origem divina do papado, bem como de toda a estrutura eclesiástica, Lutero colocava-se em rota de colisão com o pensamento romano dominante. Além disso, já desde cedo o reformador salientava que a igreja, para ser considerada cristã, está vinculada primeiramente à Palavra de Deus, e não a um „*lugar, pessoa ou tempo*“¹⁴.

Esta centralidade da Palavra de Deus para a igreja autoriza Lutero a dizer que a „*igreja é criação do Evangelho, e incomparavelmente menor do que este*“¹⁵. Tal ênfase de Lutero não deve ser vista como incapacidade de olhar para a realidade empírica da igreja, mas sim de destacar onde se encontra a essência da mesma. Neste ponto, o Reformador podia afirmar que „*embora a igreja viva na carne, ela não vive de acordo com a carne. Ela se estabelece em lugar, e junto a*

¹⁴ - WA 7.634: *Auf das überchristlich, übergeistlich und überkünstlich Buch Bock Emsers zu Leipzig Antwort*, 1521.

¹⁵ - WA 2.430: *Resolutiones Lutherianae super propositionibus suis Lipsiae disputatis*, 1519.

*coisas e obras do mundo,(...). Assim é a igreja, não sem lugar e corpo, entretanto não são o corpo e o lugar a igreja, e estes não pertencem a ela*¹⁶ .“

De que maneira, então, é possível falar de identidade luterana numa perspectiva de visibilidade eclesial, quando o grande destaque dado pelo reformador está vinculado à igreja oculta, e não à manifesta. Não estaríamos querendo encontrar em Lutero, o que não é possível achar? Por outro lado, o reformador sabia que a igreja „*vive na carne*“, e que isto significava na prática que ela precisava de marcas que delineassem a sua visibilidade como sujeito social¹⁷. Quais seriam, no entender de Lutero, estas marcas da igreja?

Para procurar responder esta pergunta, é indispensável um certo resgate histórico. O termo marcas ou notas da igreja remonta a Agostinho, quando do seu debate com os donatistas no norte da África. Segundo Agostinho, são quatro as marcas da igreja: a unidade, a santidade, a catolicidade e a apostolicidade. Estas marcas foram mantidas pela igreja no período medieval, e ainda hoje são mencionadas no debate ecumênico. Lutero não as rejeitou, mas deu preferência a outras. Nos seus estudos sobre o livro de Isaías, ele afirma que a „*única, perpétua e infalível marca da igreja sempre foi o Verbo*“¹⁸ .“

Já em outras ocasiões, Lutero fez menção de uma série de marcas, que caracterizam a igreja. No escrito do Papado em Roma em 1520, Lutero destaca que „*os sinais, os quais se pode exteriormente perceber, onde está a igreja no mundo, são o batismo, o sacramento [da ceia] e o Evangelho, e não Roma, ou este ou aquele lugar*“¹⁹ .“

Mais para o fim da vida, Lutero aumenta significativamente o número das marcas da igreja. Na última listagem elas chegam a onze²⁰. Todas estas marcas são, na verdade, de uma ou de outra maneira um desdobramento daquela que é a marca fundamental: a Palavra de Deus. Por isso, o reformador diz que os sinais indispensáveis para a visibilidade da igreja são „*o batismo, a ceia e o mais poderoso de todos, o Evangelho. Estes são os verdadeiros sinais, as marcas (...) dos*

¹⁶ - WA 7.719s: *Ad librum eximii magistri nostri Mag. Ambrosii Catharini, responsio M. Luthreri*, 1521.

¹⁷ - Ernst Wolf afirma que estas marcas(notae) testificam a existência terrena da igreja. Mais sobre isto em Wolf, E., *Die Einheit der Kirche im Zeugnis der Reformation*, in: *Peregrinatio*, Chr. Kaiser Verlag, 1954, p.156.

¹⁸ - WA 25.97: *Vorlesung über Jesaja*, 1527/30.

¹⁹ - WA 6.296: *Von dem Papstum zu Rom*, 1520.

²⁰ - No escrito *Contra Hans Worst*, 1541 são mencionadas, entre outras, as seguintes marcas: o batismo, a ceia, absolvição de pecados, o ministério da pregação, a palavra de Deus, o credo apostólico, o pai nosso,...

*crístãos. Onde a gente enxerga, que o batismo, a ceia e o Evangelho estão presentes, (...) não se deve duvidar, que ali está a igreja*²¹ .“

Mas onde se encaixam, nesta descrição até aqui realizada, a ordem do culto, dos rituais, ou mesmo da estrutura eclesiástica como um todo, que também proporcionam uma certa visibilidade à igreja. Será que Lutero pensava que bastavam as marcas mencionadas, e tudo mais correria ao natural? Em certo sentido, precisamos responder à esta pergunta de maneira afirmativa. Lutero defendia, como premissa básica, que as questões referentes ao culto e à estrutura eclesial no geral concretizariam-se, com certa naturalidade, na medida que as pessoas fossem compreendendo o Evangelho. Por isso, ele procurou inserir estes aspectos no âmbito da confissão de fé²². Esta atitude de Lutero é compreensível, visto que a igreja de sua época fazia dos ritos, das cerimônias e dos templos, e em especial de sua própria estrutura, instrumentos para obtenção da graça de Deus. Por isso, era indispensável romper com este legalismo estrutural, que fornecia aos cristãos de então uma falsa segurança. Sua crítica, neste ponto, foi dura e inflexível. As palavras expressas por Lutero, por exemplo, no comentário do salmo 117, no ano de 1530, não deixam dúvidas, quando ele pergunta: „*O que fizeram os papas e os bispos com o Evangelho e a igreja cristã, do que [transformar] o que pertence à realidade espiritual em realidade secular?*”²³ .“

Neste ponto, poderíamos dizer, usando a nossa linguagem, que Lutero foi relativamente „liberal“, no que concerne às questões de ordem de culto, de rituais ou ainda da estrutura eclesiástica. Para ele, estava muito claro, que estas questões não poderiam, nem deveriam ser um instrumento que causasse embaraço à consciência cristã e à pregação da Palavra de Deus. Por outro lado, Lutero não foi nenhum defensor do caos. As diversas vezes que ele apela para 1 Co 14.40 (Tudo deve ser feito com decência e ordem), mostra suficientemente a sua preocupação com o culto, bem como com a organização geral da igreja. Tal percepção também transparece na Confissão de Augsburgo em diversos artigos. Entretanto, permanece a ressalva na Confissão de que não se deve onerar a liberdade cristã com a „*observância de tradições que não se podem guardar de boa consciência*”²⁴ .“

É importante salientar que esta concepção, desenvolvida por Lutero, não é fruto de sua imaginação ou fantasia. Ela está fundada na visão

²¹ - WA 7.720: *Ad librum eximii magistri nostri Mag. Ambrosii Catharini, responsio M. Lutheri*, 1521.

²² - Mais sobre isto em Maurer, W., *Historischer Kommentar zur Confessio Augustana*, Vol.1, 1976, p.192.

²³ - *Martin Luthers Psalmen-Auslegung*, Ed. Erwin Mülhaupt, 3.Vol, 1965, p.334.

²⁴ - Artigo XXVIII da *Confissão de Augsburgo*.

Paulina sobre a construção da ordem externa da igreja. Paulo apresenta em suas cartas a idéia de que o amor deve ser o elemento condutor e construtor da ordem eclesial. Neste sentido, Lutero retoma este postulado, ao afirmar que a consciência e a pregação cristã não devem ser aprisionados pela ordem externa, mas sim de que esta sirva para que „*tudo seja feito em amor*“ (1 Co 16.14). Como consequência, pode-se dizer com uma certa tranqüilidade de que a identidade luterana, como identidade eclesial, concretiza-se quando em nossas igrejas os propósitos apresentados pelo Novo Testamento sobre este tema são resgatados, e tornam-se inspirativos para o nosso modo de ser igreja.

4. Procurando concluir:

O tema identidade como algo peculiar de um grupo de cristãos encontrou forte oposição desde o início junto a Lutero. Ele resistiu, sempre que pôde, para que as pessoas não se chamassem de luteranas. Por isso, ele afirmava que os seus legítimos seguidores „*largam Lutero, seja ele um safado ou um santo. Deus pode falar (...) por Balaão (...), por Caifás e Pedro, até mesmo por um jumento. [Por isso], eu sou partidário [de Deus], pois eu mesmo não conheço Lutero, nem o quero conhecer, também não prego nada dele, mas de Cristo. [Logo] que se silencie do meu nome e não se chame de luterano. O que é Lutero? A pregação não é minha. Também não fui crucificado por ninguém (...). Como eu pobre e fedorento saco de vermes, poderia chegar a que os filhos de Cristo fossem chamados com meu infame nome (...). Vamos eliminar os nomes partidários e nos chamar de cristãos, (...). Eu não sou nem quero ser mestre de ninguém*“²⁵.

O intuito do reformador era, na verdade, o resgate da identidade cristã testemunhada nas escrituras, como tentamos apresentar nesta reflexão. Neste ponto, o retorno às fontes (ad fontes) cristãs, ao Antigo e ao Novo Testamento, não aconteceu porque Lutero imaginasse encontrar ali um manual de doutrinas, que uma vez cridas pudessem levar à salvação, ou porque Lutero visse na Bíblia um código de moral irreparável, que uma vez obedecido produziria o ser humano perfeito. Não era dessa forma que o reformador buscava a identidade cristã nas escrituras. Na verdade, ele foi à Bíblia, procurando encontrar um Deus misericordioso. E ele O encontrou em Jesus Cristo, a palavra corpórea de Deus, onde „*estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento*“ (Cl 2.9), inclusive o da identidade cristã.

²⁵ - WA 8.685: Eine treue Vermahnung M. Luthers zu allen Christen, sich zu hüten vor Aufruhr und Empörung, 1522

Entretanto, o curso da história foi diferente daquilo que Lutero provavelmente havia imaginado. Os partidos religiosos em litígio, como costumava-se dizer no século XVI, deram lugar ao surgimento de três grandes tradições eclesiais: católica, luterana e calvinista. Já no final do século XVI, início do XVII, o que estava em jogo não era mais tanto a identidade cristã propriamente dita, mas sim a identidade confessional de cada um destes seguimentos eclesiais. O famoso livro de Concórdia, concluído em 1580, já se insere neste novo contexto, o da definição confessional luterana. Neste sentido, vai aqui um breve comentário: Temos a impressão de que o uso da palavra identidade seja mais adequado do que confessionalidade, uma vez que esta última já tem uma forte conotação político-eclesial. Além disso, o termo confessionalidade carrega consigo uma memória de estreitamento teológico, típica deste período, que deveria ser evitado na medida do possível.

Chegando em nossos dias, deve-se dizer que o tema da identidade luterana vai com certeza nos ocupar ainda por algum tempo, não por ser apenas uma necessidade psicológica dos luteranos, mas sim porque vivemos num ambiente, que simultânea e contraditoriamente experimenta os efeitos da globalização, que vai sendo maximizada nos quatro cantos do globo, e que, por outro lado, faz ressurgir os sentimentos locais e regionais, como forma de resistência perante esta avalanche cultural globalizante. Neste ponto, é importante alertar que as igrejas cristãs não estão isentas de tornarem-se grupos, que atemorizados pela nova constelação cultural, procuram zelar pela sua auto-preservação institucional, impondo também uma certa castidade confessional. Ignorar esta possível tendência, seria como tentar ignorar o impulso vital de preservação, inerente ao ser humano junto às suas criações.

Para finalizar, vale lembrar aquilo que foi dito no início desta reflexão, qual seja, de que estamos diante de um assunto de significativa relevância, mas deveras complexo. Contudo, isto não pode e não deve servir de argumento para que apenas alguns segmentos escolhidos tratem do tema identidade luterana. Ele envolve na verdade todos os cristãos, que são segundo a visão luterana não apenas sacerdotes, mas também teólogos, que queiram participar desta discussão. Além de afirmar a necessidade de democratização deste processo, parece-nos indispensável destacar que a luteraneidade de nossa existência cristã, tanto em termos individuais como comunitários, torna-se mais notória na medida que a nossa identidade cristã se consolida nestas dimensões.